

A Sangue Frio e Jornal O Rio Branco: configurações narrativas distintas sobre a realidade¹

Priscila Cristina Miranda de ARAÚJO²
Francisco Aquinei Timóteo QUEIRÓS³

Resumo

O objetivo do presente trabalho é detalhar a forma como é colocada a violência no jornalismo cotidiano, cotejando as notícias tecidas pela trama do jornalismo literário com as narrativas veiculadas pelos jornais populares. Nesse sentido será analisada a obra *A Sangue Frio* e matérias publicadas no jornal *O Rio Branco*, periódico que circula no estado do Acre. O trabalho desdobra-se procurando entender de que forma a prosa jornalístico-literária pode ajudar os jornais populares a aprofundar suas narrativas, no sentido de conferir ao texto jornalístico um viés mais humanizado, profundo e contextualizado.

Palavras chaves: Jornalismo literário; O Rio Branco; A Sangue Frio.

Introdução

O objetivo do presente artigo é mostrar de que forma as técnicas do Jornalismo Literário podem ajudar na configuração da narrativa jornalística, permitindo um aprofundamento das reportagens cotidianas e uma maior riqueza de detalhes na forma de relatar as notícias veiculadas por jornais e revistas.

Com a pesquisa almeja-se debater as características literárias empregadas na confecção das notícias. O objetivo é entender de que forma o jornalismo literário pode contribuir para o aprofundamento das reportagens cotidianas. Nesse sentido, busca-se estabelecer um contraponto entre a prosa jornalístico-literário e o chamado jornalismo tradicional, centrado no *lead* e na pirâmide invertida.

Nesse sentido, a abordagem do *corpus* de pesquisa centra-se na análise do livro-reportagem *A Sangue Frio*, de Truman Capote e também das notícias policiais veiculadas pelo jornal acreano *O Rio Branco*. Propõe-se com o estudo fazer uma analogia das duas formas textuais, almejando comprovar que os elementos literários conferem à narrativa jornalística um maior aprofundamento sobre a vida das personagens, permitem uma

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 4º período do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Acre (UFAC), email: priscila.cmda@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Acre (UFAC), email: aquinei@gmail.com.

imersão sobre os ambientes narrados e uma profusão maior do volume de vozes sociais presentes na tessitura da notícia e da reportagem.

O livro-reportagem *A Sangue Frio* foi publicado em 1965 e conta a história da morte de toda a família Clutter, em um brutal assassinato que ocorreu no ano de 1959 em Holcomb, no Kansas. Além de passar seis anos investigando e conversando com moradores da pequena cidade do interior do Kansas, Truman Capote se aproximou dos dois criminosos e conquistou a confiança deles. Traçou um perfil humano e eloquente dos dois assassinos e baseado nos depoimentos e nas investigações reconstituiu a cena do crime e a trajetória dos autores da chacina.

Em 1959, dois jovens do interior (Richard Hickock e Perry Smith) planejam cometer um roubo na casa da tradicional família Clutter, que vivia no pacato distrito de Holcomb, no Kansas, e matar todas as possíveis testemunhas do local.

Em *A Sangue Frio*, o narrador descreve o perfil dos assassinos. Perry, por exemplo, teve uma infância marcada pela mãe alcoólatra e pela ausência do pai. Por causa de um acidente, ficou com problema numa das pernas, sentia muitas dores o que o tornara “viciado” em aspirinas. Richard Hickock, o comparsa de Perry no assassinato, era um tipo simpático, bem humorado, cativante, ambicioso e é pintado como um moleque irresponsável. Os dois sempre se envolveram em roubos, furtos e foram companheiros de cela.

A família Clutter era tradicional na cidade. O senhor Clutter era o cidadão mais popular da comunidade, chefe da Primeira Igreja Metodista e presidente da Conferência de Organizações Rurais do Kansas, seu nome era olhado com respeito pelos agricultores, e sua esposa Bonnie Fox tinha a “saúde frágil” e era vista como uma pessoa “esquisita”. Os dois tiveram quatro filhos. Apenas dois adolescentes moravam com eles, Kenyon, sonhador, avoador e caçador de faisões e coiotes, e Nancy, garota de sucesso entre os estudantes, simpática e querida na cidade. Como de costume, todos os domingos, a família ia à igreja, mas em um domingo de novembro eles não foram e os moradores da pacata Holcomb descobriram o crime que chocou a todos e mudou a rotina da cidade.

A obra rendeu muitas discussões, principalmente, sobre as controvérsias na investigação e na apuração das informações feitas por Capote. Alguns pesquisadores qualificaram o livro como “sensacionalista”. Contudo, a obra *A Sangue Frio* foi um sucesso

de público e é considerada por muitos especialistas como uma obra-prima do *New Journalism*⁴.

Jornalismo Literário

Como alternativa à estrutura do *lead* e da pirâmide invertida, pode-se tomar como parâmetro o jornalismo literário. Esse modelo narrativo alia literatura e jornalismo visando compreender e assimilar de forma mais aprofundada as nuances da realidade sócio-histórico e das personagens nas páginas de jornal.

Francisco Aquinei Timóteo Queirós (2013) faz um estudo do que pode ser a origem da junção entre jornalismo e literatura. Os primeiros jornais com aspectos literários são encontrados na Europa na Idade Média. Era um modelo de jornalismo mais autoral e opinativo. E com a origem do romance moderno, no século XVIII, os textos jornalísticos e literários se confundem.

Queirós (2013) utiliza o autor inglês Ian Watt (2010) para discutir as relações entre o chamado “realismo formal” e o Novo Jornalismo. Queirós (2013) diagnostica que a gênese do Novo Jornalismo estadunidense embebe-se do estilo do romance realista europeu do século XVIII, centrado na configuração dos diálogos, na identificação e no *status* das personagens.

O *New Journalism* foi um movimento jornalístico que ganhou força na década de 1960 em um contexto de guerras, revoltas e violência. Foi impulsionado por um grupo de escritores: Tom Wolf, Gay Talese, Truman Capote, Hunter S. Thompson, Michael Herr, Norman Mailer entre outros que contribuíram para contar histórias inéditas com uma linguagem mais detalhada e apurada. O estilo incentivou o surgimento do Jornalismo Literário como gênero: “Havia uma safra de talentosos escritores formados na escola de reportagem vivendo em um clima ao mesmo tempo romântico e boêmio, de saudável ‘competição’” (BELO, 200, p. 25).

⁴ Juan de Moraes Domingues (2012), explica que entre o fim da década de 50 e início dos anos 60 do século XX, nos Estados Unidos, a narrativa jornalística literária ganhou impulso a partir de um movimento que alterou a construção textual da informação publicada por veículos impressos, especialmente jornais e revistas. Gay Talese, Tom Wolfe, Philip Roth, Jimmy Breslin, John Hersey, Norman Mailer, Lilian Ross, Hunter Thompson, Truman Capote e Joseph Mitchell se tornaram alguns dos mestres em utilizar recursos da literatura na produção de seus textos. O método ficou conhecido como o Novo Jornalismo. Para alguns autores, o Novo Jornalismo foi um movimento engendrado na década de 60, nos Estados Unidos, e que mudou a forma de escrever narrativas jornalísticas. Marcelo Bulhões (2007, p. 145), no entanto, contraria a tese de “movimento”, uma vez que não houve, segundo ele, em nenhum momento, um delineamento de ideias estabelecidas por um grupo coeso de representantes. Para esse autor, o Novo Jornalismo foi uma atitude que se processou na fluência de uma prática textual desenvolvida em alguns jornais e revistas americanas, inicialmente com os textos das chamadas reportagens especiais publicadas na *Esquire* e no *Herald Tribune*.

Em 1946, um ano depois da guerra, o jornalista sino-americano John Hersey produziu uma reportagem que descrevia a vida das pessoas sobreviventes da primeira cidade atingida pela bomba atômica. Foi publicada na revista *The New Yorker*, em 31 de agosto de 1946 e logo se transformou em livro. *Hiroshima* é considerada umas das melhores reportagens já escritas e também um marco para a produção jornalística. O contexto da época também impulsionou a produção de matérias e livros que aproximaram o jornalismo da literatura “surgiu o *new journalism*. Não era propriamente uma novidade, apenas um rótulo — que até já havia sido usado antes, sem que o nome pegasse” (BELO, 2006, pag. 24).

A tal técnica consistia em, simplesmente, narrar os fatos com recursos mais próximos da literatura do que a linguagem apressada, telegráfica e enxuta — não necessariamente no bom sentido do termo — do jornalismo. Enfim, era uma espécie de “voto de protesto” contra a ditadura do *lead* e da pirâmide invertida. Se o modelo e até o nome já haviam sido empregados antes, foi só a partir da metade do século que o *new journalism* alcançou notoriedade. A ponto de, até hoje, ser tratado como um produto típico da década de 1960. (BELO, 2006, p. 24)

Ao denominar sua obra como “romance de não-ficção”, Truman Capote estabeleceu uma diferença importante “nem toda não-ficção é jornalismo, mas todo jornalismo tem de ser, por princípio, não-ficção” (BELO, 2006, p. 43). E nesse aspecto “à parte aos percalços, *A Sangue Frio* constitui-se em um novo marco para o jornalismo, ao introduzir com intensidade mais elementos da literatura à reportagem. Problemas com exatidão não eram exclusivamente de Capote nem daquela época” (BELO, 2006, p. 45). Felipe Pena (2013) debate sobre as técnicas utilizadas pelo Jornalismo Literário para se construir uma boa narrativa:

Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira. (PENA, 2013, p. 13).

O Jornalismo Literário propõe-se, nesse sentido, romper com o ciclo vicioso de entrevistar fontes oficiais e pessoas famosas, “é preciso criar alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados” (PENA, 2013, p. 15).

A Sangue Frio: convergência entre fato e ficção

Capote potencializa os elementos da notícia, rompendo regras burocráticas do jornalismo tradicional, “a descrição minuciosa das cenas fazia de Capote um cineasta do texto” (BELO, 2006, p. 45). Em sua obra, o autor de *A Sangue Frio* conta a história do assassinato da família Clutter, que ocorreu em 1959, em Holcomb, no Kansas. O autor fez milhares de entrevistas com os moradores locais para apurar a história e se aproximou dos dois autores da chacina, conquistando a confiança deles.

Capote deixa claro no início de sua obra o desfecho do crime. “Na ocasião, não foram ouvidos por ninguém na Holcomb adormecida — quatro disparos de espingarda que, no final das contas, deram cabo de um total de seis vidas humanas” (CAPOTE, 2006, p. 24). Ao contar a história e os hábitos de cada personagem, tanto dos habitantes da cidade quanto dos assassinos, o leitor cria uma expectativa quanto as questões que levaram ao ato do crime. Capote descreve detalhes da cidade em que aconteceu o crime, criando um cenário rico em informações para o leitor:

A cidade de Holcomb fica nas planícies do oeste do Kansas, lá onde cresce o trigo, uma área isolada que mesmo os demais habitantes do Kansas consideravam distante [...] Tem uma aparência que está mais para o Velho Oeste do que para o Meio-Oeste (CAPOTE, 2006, p. 21).

Em *A Sangue Frio* é possível perceber o paralelo entre os costumes dos membros da família Clutter e dos autores do crime, Perry Smith e Richard Hickock (Dick). Essa correlação ajuda a construir a narrativa e pode ser observado no relato que Capote faz sobre os hábitos matinais do sr. Clutter: “Naquele dia, um copo de leite e uma única maçã lhe bastaram; como jamais tomava café ou chá, acostumava-se a começar o dia sem ingerir nada quente” (CAPOTE, 2006, p. 29).

No fragmento a seguir, Capote justapõe narrativamente as vidas em colisão. O autor de *A Sangue Frio* vai enredando a prosa discursiva como forma de desvelar tanto as identidades dos assassinos — Perry e Dick — quanto do sr. Clutter. Desse modo, a tessitura do texto foge aos parâmetros do *lead* e da pirâmide invertida e passa a subsistir como constructo histórico-social da vida das personagens na arquitetura da narrativa. A reportagem não assume um tom maniqueísta — a relação entre bem e mal — mas ancora-se nos hiatos que tecem as vidas humanas. Dessa forma, não é sem sentido que Capote descreve os hábitos rotineiros de Perry, mostrando variadas facetas do assassino: “Preferia

root beer gelada e uma bebida gasosa não-alcoólica à base de raízes. Três aspirinas, uma *root beer* gelada e uma série de cigarros *Pall Mall* — essa era sua idéia de um café-da-manhã adequado” (CAPOTE, 2006, p. 34-35).

Capote construiu perfis, criando uma relação íntima entre o leitor e as personagens. Ao descrever Herbert Willian Clutter, o chefe da família de 48 anos, ele relata fatos sobre sua necessidade de usar óculos sem aro, sua estatura mediana de 1,75 metros, seus ombros largos, seus cabelos escuros, seu rosto confiante e retangular e que seu peso chegava a média dos setenta quilos.

Não era tão rico como o homem mais rico de Holomb — o sr. Taylor Jones, um fazendeiro de gado das proximidades. No entanto, era o cidadão mais conhecido da comunidade, importante tanto nela quanto na vizinha Garden City, a sede do condado, onde presidia o comitê de construção da recém-inaugurada Primeira Igreja Metodista, edifício que custara 800 mil dólares. Era presidente da Conferência das Organizações Agrícolas do Kansas, e seu nome era reconhecido com respeito entre todos os agricultores do Meio-Oeste, bem como em certos gabinetes de Washington, onde fora membro do Conselho Federal de Crédito Agrícola durante a presidência de Eisenhower (CAPOTE, 2006, p. 24-25).

Ao narrar o perfil dos assassinos, Capote relata, por exemplo, a infância de Perry, marcada pela mãe alcoólatra e pela ausência do pai. A mãe de Perry era uma índia e seu pai um irlandês ruivo e sardento. Smith era fascinado por dicionários e gramática, gostava de música e poesia, por esse motivo sempre carregava um violão. Em uma de suas fantasias favoritas — tornava-se Perry O’Parsons — e se anunciava como “A Sinfônica de Um Homem só” (CAPOTE, 2006, p. 77). Também adorava passar horas ao espelho: “Perry era fascinado pelo próprio rosto. Cada ângulo produzia uma impressão diferente [...] basta uma inclinação da cabeça, uma torção dos lábios para o cigano perverso transformar-se num romântico inofensivo” (CAPOTE, 2006, p. 37). Perry sofreu um acidente muito grave, em que passou seis meses internado em hospital e outros seis meses andando de muletas, suas pernas foram quebradas em cinco lugares o que lhe causava fortes dores, tornando-o viciado em aspirinas.

Já Dick era mecânico, tinha um bom porte físico, corte de cabelo à covinha, não era esperto, mas fez testes na prisão que relataram QI mais elevado do que a média dos penitenciários. Ele também sofrera um acidente que lhe trouxera sérios danos, como o desajuste de seu rosto pelo acidente. “Era como se sua cabeça tivesse sido cortada ao meio como uma maçã, e depois remontada um pouco fora de alinhamento” (CAPOTE, 2006, p. 56). Porém, segundo a narrativa de Capote, o sorriso de Dick era harmonioso, e dava a

impressão de “bom rapaz”. Perry e Dick tinham pouco em comum, a não ser pela cela que dividiam juntos, e alguns outros traços, como a vaidade e a higiene pessoal.

Capote revela fatos importantes para compreender as possíveis causas que levaram os dois rapazes, principalmente Perry que nunca havia cometido nenhum assassinato, a levar a cabo o homicídio da família Clutter. Perry pretendia ir ao Kansas por outro motivo. Ao colocar esse fato em evidência, Capote constrói no imaginário do leitor uma miríade de possibilidades como, por exemplo, se Perry tivesse encontrado o que buscava talvez não tivesse se envolvido no ato criminoso e com isso o desfecho da história fosse outro.

O motivo verdadeiro e secreto que o trouxera de volta ao Kansas, uma violação dos termos de sua condicional que ele decidira arriscar por uma razão que não tinha a ver com o “golpe” de Dick ou a carta de convocação que este lhe escrevera. A razão foi que várias semanas antes, ele soubera que na quinta-feira 12 de novembro outro de seus antigos companheiros de cela seria solto da Penitenciária Estadual do Kansas, em Lansing, e “mais que tudo no mundo” ele desejava um reencontro com aquele homem, seu “verdadeiro e único amigo”, o “brilhante” Willie- Jay (CAPOTE, 2006, p. 69).

Como em um filme Capote reconstrói as cenas estabelecendo o fio condutor do enredo. O autor de *A Sangue Frio* aparece no texto como uma espécie de demiurgo: juntado peças desmembradas do corpo da narrativa e unindo-as para conformá-las e garantir-lhes o sentido global. Como enfatiza Belo (2006), Capote é um artífice da prosa jornalística, sendo conhecido como um “cineasta do texto”. O autor de *A Sangue Frio* vai arquitetando a prosa jornalística com riqueza de detalhes. Por exemplo, quando Perry e Dick chegam à cidade de Holcomb “a primeira compra foi um par de luvas de borracha” (CAPOTE, 2006, p. 63). Discutiram sobre quantos metros de corda seriam necessários e a necessidade de comprar meias.

Mas Dick tinha tomado uma decisão: meias de qualquer cor eram desnecessárias, um estorvo, uma despesa inútil (“Já investi dinheiro demais nesta operação”), e, afinal, qualquer um que eles encontrassem não viveria para depor. “Sem testemunhas”, lembrou ele a Perry, pelo que pareceu a este a milionésima vez. Ele sempre ficava exasperado com a maneira como Dick dizia aquelas duas palavras, como se resolvessem todos os problemas; era burrice não admitir que pudesse haver uma testemunha que eles não vissem. “O inesperado acontece, as coisas às vezes mudam”, disse ele. Mas Dick, sorrindo auto-suficiente, como um menino, não tinha concordado: “Tire essas bobagens da cabeça. Nada vai dar errado”. Não. Porque o plano era de Dick e, desde o primeiro passo até o silêncio final, fora concebido sem nenhuma falha (CAPOTE, 2006, p. 63).

Após a prisão de Perry e Dick, o delegado consegue uma confissão de Perry, e também os detalhes da noite do crime. Perry conta de sua hesitação e de seus pressentimentos.

Eu disse que preferia desistir. Se ele estava decidido a seguir em frente, ia ter de fazer tudo sozinho. Ele ligou o carro, íamos embora, e eu pensei, Louvado seja Deus. Sempre confiei nas minhas intuições; já salvaram a minha vida mais de uma vez. Mas a meio caminho do fim da estrada Dick parou. Estava furioso. Eu entendi o que ele estava pensando: Armei esse grande golpe, fizemos toda essa viagem, e agora esse baixinho covarde quer desistir de tudo. E ele disse: ‘Talvez você ache que eu não tenho coragem de fazer tudo sozinho. Mas eu vou mostrar para você quem tem coragem’. Tínhamos um pouco de bebida no carro. Cada um de nós tomou um gole grande, e eu disse a ele: ‘Certo, Dick. Estou com você.’ E então voltamos. Estacionamos no mesmo lugar de antes, na sombra de uma árvore. Dick calçou as luvas; eu já tinha posto as minhas. Ele levou a faca e uma lanterna. Eu levei a espingarda. A casa parecia imensa à luz da lua. Parecia vazia. Eu me lembro de ter tido a esperança de que não tivesse ninguém em casa (CAPOTE, 2006, p. 294).

Perry relatou sua preocupação com as vítimas ao narrar a forma como deixou os corpos “bem acomodados”. O corpo de sr. Clutter foi encontrado deitado em cima de um papelão, e o do seu filho Kenyon estava apoiado em um sofá.

Capote esperou pacientemente o julgamento e a pena dos acusados. Perry e Dick foram condenados a pena de morte, mas a execução só aconteceu anos depois. E o jornalista esperou o desfecho da história para poder publicar sua reportagem no *The New Yorker* em 1965. Seis anos após a chacina.

Jornalismo atual: *leads* e pirâmides invertidas

No atual panorama do jornalismo predomina o modelo do *lead* e da pirâmide invertida. Nas redações, a escolha de pautas “quentes” e urgentes toma todo o espaço dos jornais, não abrindo espaço para uma reportagem mais apurada. Por motivos relacionados à falta de tempo, a imprensa perde a chance de contar histórias que podem gerar empatia e identificação com o público leitor.

Para Belo (2006) diariamente os veículos desprezam o acompanhamento de boas histórias e, por esse motivo, a cobertura da imprensa tem se tornado cada vez mais burocrática e superficial. O autor aponta vários fatores que contribuem para entender a escassez de reportagens investigativas. Um deles é a falta de recursos para bancar uma qualificada equipe de repórteres que poderiam investigar mais a fundo uma notícia. Outra questão é a falta de espaço para publicar, e leitores sem disposição para uma longa

reportagem. Belo (2006) acrescenta que “com edições reduzidas e equipes limitadas, fica difícil abrigar tantos assuntos, ainda mais com qualidade” (BELO, 2006, p. 14).

Em contraposição à narrativa jornalístico-literária, percebe-se na atualidade a construção de notícias que prezam mais pela superficialidade do que pelo aprofundamento das questões sociais. Os preceitos do Novo Jornalismo são deixados de lado e prevalecem as características do *lead* e da pirâmide invertida. Como *corpus* de estudo serão estudadas algumas matérias veiculadas pelo jornal *O Rio Branco*. A notícia a seguir tem o título “Homem suspeito sai em fuga após receber voz de prisão”:

Neste fim de semana, policiais do 4º BPM, durante uma ronda de retina no bairro Portal da Amazônia, realizam a prisão de Everton de Castro Vieira, 21 anos. O mesmo ao receber voz de parada para ser revistado saiu em fuga, dois policiais saíram em sua busca até conseguir pegá-lo na Rua Castanheira. O acusado estava com pouco mais de uma semana que teria saído de presídio. Quando foi pego puxou uma espada (mini) e tentou furar um dos policiais que ainda foi arranhado (O Rio Branco, 2014, p. 1).

No jornalismo tradicional é possível perceber a falta de apuração. Os casos de crimes e violência são relatados em pequenas notas. Não existe preocupação em acompanhar o desfecho das histórias publicadas.

A Polícia Civil de Capixaba — 75 quilômetros da capital acreana — prendeu, por homicídio, o xapuriense Alcimar Castro de Oliveira, de 33 anos. A captura do acusado foi comandada pela delegada Lucélia Martins, com apoio do investigador Franciberto Lima. Neguinho Pita, como é conhecido Alcimar Castro, estava escondido em uma invasão no Seringal Capatará, localizada no Ramal Antônio Costa, próximo a usina Álcool Verde. No momento da prisão não houve chance de reação, o cerco policial estava bem organizado. Preso, Alcimar Castro foi conduzido até a delegacia, onde aguardará a escolta para ser encaminhado ao presídio de Rio Branco. Pelo que foi possível apurar, Neguinho estava foragido já fazia tempo. Ele é sentenciado por matar uma adolescente de 13 anos na cidade de Senador Guimard. Consta no inquérito que apurou a morte da menor que Alcimar Castro aplicou diversas furadas com uma faca na adolescente que não resistiu. No mesmo evento criminoso o assassino agrediu a golpes de faca um primo da menor. Julgado pelo crime, Neguinho acabou condenado a cumprir 19 anos e 6 meses de prisão. Neguinho ainda tentou ludibriar a polícia se passando por Leomar, porém, a estratégia falhou e logo em seguida disse ser realmente a pessoa de Alcimar Castro. (O Rio Branco, 2014, p. 1).

Outro fator importante para analisar é referente aos entrevistados. A versão ouvida normalmente é de algum policial. E em alguns casos a notícia publicada é baseada somente em assessorias. Não há nenhuma preocupação com a versão do acusado ou de outra fonte não oficial.

Após receber uma denúncia anônima no final da tarde da última sexta-feira, 2, homens da Polícia Militar de Xapuri realizaram uma abordagem em um ônibus intermunicipal que faz a linha de Rio Branco para Xapuri, durante a abordagem a Polícia apreendeu onze barras de maconha que estavam escondidos dentro de dois frasco de shampoo e uma “trouxinha” de cocaína que eram transportado em duas mochilas. A abordagem foi realizada na Estrada da Borracha, via de acesso ao município de Xapuri, distante 190 km de Rio Branco. Os entorpecentes estavam em posse de dois menores L.S.F (17), e D.A.S (16), que durante a apreensão negaram que as mesmas os pertencessem, mas os passageiros que estavam no ônibus confirmaram que as mochilas pertenciam aos dois adolescentes, após a abordagem os dois menores foram encaminhados juntamente com os entorpecentes a delegacia de Xapuri. O comandante da guarnição S. Vasconcelos destacou a importância da participação da comunidade na apreensão. “É bom ressaltar a importância que tem a colaboração da comunidade em denunciar o tráfico de entorpecentes no município, é através da ajuda da população que podemos ter exceto na repreensão do tráfico na cidade.” Destacou o Sargento S. Vasconcelos. (O Rio Branco, 2014, p. 1)

O jornalismo tradicional se contenta apenas com o momento e acaba publicando diariamente números de homicídios, crimes e qualquer outro tipo de violência, sem se preocupar em mostrar para o público leitor a origem de tantos atos de violência e criminalização. Diferente do Jornalismo Literário que além de fazer uma apuração detalhada dos fatos, constrói perfis de todos os envolvidos, contextualiza e insere o leitor no espaço da história abordada. Porém para se fazer uma investigação mais aprofundada é preciso dedicação e tempo. O que constitui um problema para os jornais diários.

O Brasil se encontra em crise de identidade “jornais e em, menor grau, revistas, ainda não encontraram um caminho adequado para sobreviver na era da informação eletrônica, massificada e quase imediata” (BELO, 2006, p. 15). Há um desencontro entre a procura do público e a oferta da mídia impressa, isso tem gerado equívocos, como o mito de que o leitor não gosta de ler, que não quer saber de histórias longas, e não tem tempo para isso.

Essa concepção de jornal “enxuto” e que repete em sua maioria as notícias que o público já viu na TV ou na internet no dia anterior (nem sempre com tratamento mais profundo) está, pouco a pouco, sufocando os veículos comercialmente e, por consequência, banindo a reportagem dos periódicos. Hoje, na mídia impressa, ela praticamente só sobrevive em parte das revistas, em alguns diários com edições dominicais mais alentadas e em cadernos especiais esporádicos — isso quando esses cadernos não servem apenas a interesses comerciais, o que faz do texto jornalístico uma mera moldura de anúncio (BELO, 2006, p. 16).

Viviane Amaral França (2008) ao fazer um estudo sobre “Jornalismo e Literatura: uma análise dos elementos jornalísticos e literários e seus hibridismos na construção dos perfis de Joe Gould” aborda que pouco tem se discutido sobre outros modelos que fujam do

atual e engessado jornalismo tradicional, como propõe o jornalismo literário, que leva a questionamentos importantes sobre aspectos do texto jornalístico e literário, mas que também abre a discussão sobre a ficcionalidade e sobre a realidade. “Histórias que poderiam gerar empatia fariam com que o leitor se identificasse com a experiência do outro” (FRANÇA, 2008, p. 7).

Considerações finais

O estudo da narrativa de *A Sangue Frio* e do jornal *O Rio Branco* nos permitiu refletir sobre a prática jornalística, tomando-a como elemento de apreensão da realidade cotidiana e como postura reflexiva. Desse modo, a transversalidade das narrativas literárias e jornalísticas corrobora com a percepção de que existe a necessidade de se esquivar das amarras do *lead* e da pirâmide invertida para que se possa orquestrar novas formas de organizar o enredo periodístico, longe das amarras da narrativa telegráfica e prosaico do jornalismo tradicional.

Assim, a aproximação entre jornalismo e literatura confere às reportagens novas maneiras de enxergar uma dada realidade social e de levar para a superfície da notícia toda a complexidade dos fatos. Com isso, a convergência entre as prosas literárias e jornalísticas permitem leituras mais aprofundadas sobre o constructo noticioso e, principalmente, para o desvelamento das personagens, dos enredos, dos ambientes descritos e das realidades sócio-históricas arquitetadas na narrativa jornalística.

Referências

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

CAPOTE, Truman. **A sangue frio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

DOMINGUES, Juan de Moraes. **A ficção do Novo Jornalismo nos livros-reportagem de Caco Barcellos e Fernando Moraes**. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

FRANÇA, Viviane Amaral. **Jornalismo e Literatura: uma análise dos elementos jornalísticos e literários e seus hibridismos na construção dos perfis de Joe Gould**. Monografia. Centro Universitário de Belo Horizonte, Belo Horizonte, 2008.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2013.

QUEIRÓS, Francisco Aquinei Timóteo. **Novo Jornalismo: um rasgo literário na sisudez do jornalismo tradicional, sob o viés das obras A Sangue Frio e Radical Chique**. 155f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2013.